

O Dr. Vieira d'Almeida falou

«O Diabo», continuando a sua interessante iniciativa de arquivar depoimentos de intelectuais, depois do Sr. António Sérgio, entrevistou o escritor Ferreira de Castro, cujas palavras nos agradaram de veras, e o professor da Faculdade de Letras de Lisboa Dr. Vieira de Almeida, cujo depoimento, pelo que tem de «significativo», merece uma análise atenta.

O Dr. Vieira de Almeida é uma das figuras mais picarescas do nosso elenco de intelectuais. É Professor de Filosofia, é poeta e é dramaturgo. Usa uma pequena tira de bigode, gosta de dizer coisas que façam rir e tem o quer que seja de teatral no gesto e na figura. O Dr. Vieira de Almeida é um símbolo: um símbolo de charlatanismo e da pseudo-profundidade impante.

Um dia fez uma conferência em Coimbra, na Associação Académica. Supondo que o nível mental da academia e dos professores presentes tornava possível qualquer mistificação, impingiu uma série de anedotas e de lugares comuns como palestra sôbre a «Cultura». Soube-se depois que tinha planeado a conferência (?) em viagem no comboio... Pode bem chamar-se a isto um «crime com premeditação»!

Ao ser entrevistado pelo O Diabo, o nosso Dr. patenteou mais uma vez tôdas as suas extraordinárias qualidades de jongleur. Transcrevemos:

«—Que pensa das velhas e novas correntes da literatura?

—Na fase polemística, as correntes novas ou renovadas, apaixonam mais os adeptos e convencem menos os que não se deslumbraram. Como o fenómeno é sempre o mesmo, — de um lado a mística de grupo, crença de que só a incompreensão alheia é obstáculo ao triunfo completo, e do outro lado muitas vezes incompreensão real e rejeição global — aos que não entram no combate só interessa o bem que possa produzir-se, dentro ou fóra da batalha. A escola é sempre meio ocasional — não indispensável — de revelação de valores individuais. Dentro e fóra de qualquer corrente exis em o óptimo e o péssimo (repete pausadamente: o óptimo e o péssimo). Sem a aceitação de esta verdade de La Palisse, por quási tôdos rejeitada na prática e na atitude, tôda a análise é inútil, tôda a restrição ofensa, tôda a dúvida sacrilégio.»

Aquí temos. De «correntes de literatura» em geral o nosso Dr. pensa isto. Das velhas e novas correntes da literatura (assunto da pergunta), a ajuizar pelo que se lê o nosso Dr. não pensa absolutamente nada. Meus Senhores: eis aí o filósofo!

Sôbre o problema da democratização da cultura, depois de algumas banalidades profundas, o Dr. Vieira de Almeida declarou catedráticamente:

«Não parece que a cultura deva ser democratizada, isto é, modelada e deturpada apressadamente ad usum populi; mas devem ampliar-se progressivamente as possibilidades individuais de acesso à cultura.»

Quere dizer: para o eminente piadista a cultura é qualquer coisa abstracta que é insusceptível de renovação e que não

reflecte a cisão de todos os produtos da sociedade actual baseada na separação entre o trabalho manual e o trabalho intelectual. Por isso, êle entende, ao contrário do que nós pensamos, que a cultura não carece de ser renovada, desfossillizada, humanizada. Limita-se a dizer-nos que devem ampliar-se as possibilidades «individuais» — não colectivas, portanto, — de acesso à cultura fóssil. Confessemos que o Dr. Vieira d'Almeida tem o dom extremamente raro de nos fazer rir, mesmo quando não conta anedotas. Para êle, renovar a cultura, democratizá-la no bom sentido da palavra, torná-la uma expressão viva dos que estão mais perto da vida é fatalmente deturpá-la ad usum populi.

O nosso Dr. está tão perto das nuvens que nem imagina que um carpinteiro possa comentar os filósofos, que um serralleiro possa fazer bons poemas ou que um camponês ou um mineiro possa escrever um romance. O entrevistado do O Diabo (não resistimos ao trocadilho, desculpem os leitores) ainda está pela teoria dos que com entreatos só concebem a cultura como uma dama sumptuosamente vestida que está sentada num trono de diamantes no cimo de uma alta escadaria. Quem quiser que suba individualmente a escada, degrau a degrau, para poder ser culto. É caso para dizermos a esta chalaça: «É boa mas já a conheciamos».

Vejamos agora uma outra passagem da entrevista, que é simplesmente de se apertar as mãos na barriga:

«—Qual deve ser a atitude do intelectual perante a guerra?

A resposta foi meditada:

—Dizia Descartes merecerem censura os que falham, embora de leve, desde que se atrevem a dar preceitos. Nem me julgo autorizado a determinar o dever dos intelectuais, nem seria capaz de formular opinião especial, assente na auto-classificação de intelectual, em que não faço o menor empenho.

A voz aproxima-se:

—Por mim, como homem simples, só vejo uma atitude, possível no momento actual da nossa civilização, perante o flagelo da guerra: fazê-la, se nos virmos envolvidos nela; detestá-la, a-pesar-de todos os sofismas com que tôdas as pessoas a defendem; desprezar quanto mais não podermos, os que a pregam e lhe fogem.»

Chama-se a isto prestidigitação mental! O Dr. Vieira de Almeida não quere ter os «encargos» de intelectual quando lhe preguntam qual deve ser a posição dos intelectuais perante a guerra. Não se julga autorizado... É extraordinário! Não se sabe para que é que a inteligência serve a certos senhores.

«Sol Nascente» é uma revista que conta entre os seus objectivos o comentário honesto, mas desenfestado, dos aspectos mais criticáveis da ideologia portuguesa. Acreditem os leitores que só isto explica que se ocupe espaço da «revista do pensamento jôvem, com mentalidades sem outro interesse que não seja o do seu significado profundamente deplorável.

R. S.

sições viciosas, é a deficiência de alimentação e vestuário e tôda a série de causas que, conjugadas com o indispensável serviço doméstico, fazem que seja principalmente à custa desta classe que a mortalidade tuberculosa em Portugal atinja tão grandes cifras.

E assim inferiorizadas fisicamente, e é êsse o caso quási geral, nunca poderão desen-

volver por meio do desporto o máximo das suas possibilidades, e arriscarão até a saúde.

Tal é o quadro em que podemos integrar os praticantes do desporto, donde podemos extrair as razões da degenerescência da idéa desportiva.

Uma vez que a análise do

fenómeno desportivo, do desportista e do respectivo ambiente, responsabilizou a actual estrutura pela inanidade ou até nocividade da educação física, para um aproveitamento integral de tôdas as suas possibilidades, temos de considerar primeiramente essa mesma estrutura.

E só depois — pela desapareição automática do espírito vicioso que anima o desporto de

agora, pela melhoria das condições de vida do praticante, pelo desaparecimento da rede de preconceitos que actualmente afastam a mulher da fislocultura — o desporto poderá integrar-se na sua função de instrumento do progresso individual e social, pela realização do homem em tôda a extensão das suas possibilidades.

Comunicamos aos nossos leitores que o n.º anterior está esgotado